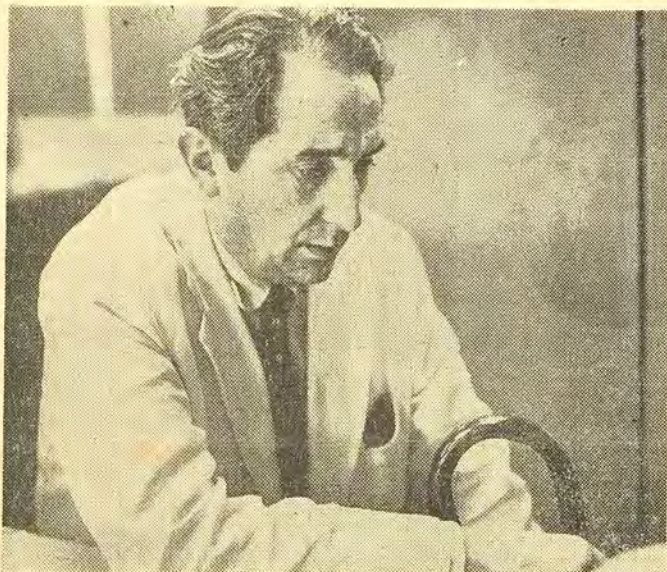


ARTES VISUAIS

F. G.

Mário Pedrosa já é o novo Diretor do MAM de São Paulo



Mário Pedrosa já aceitou o convite do Sr. Cícilo Matarazzo para dirigir o Museu de Arte Moderna de S. Paulo e, amanhã, tomará posse no cargo. O convite a Pedrosa foi feito nos primeiros dias de novembro e, naturalmente, nós tínhamos conhecimento disso. É compreensível, entretanto, que, por ser ele o titular desta seção, não divulgassemos a notícia sem que os entendimentos entre Pedrosa e MAM paulista tivessem chegado a um resultado definitivo. De modo que hoje noticiamos, não o convite, mas a conclusão dos entendimentos: Pedrosa é o novo Diretor do Museu de Arte Moderna de S. Paulo.

A propósito desse fato, mantivemos com Mário Pedrosa uma entrevista que damos a seguir.

— Por que aceitou o convite do Senhor Francisco Matarazzo Sobrinho?

— Resolvi aceitar desde que pudesse ter no Museu uma ação capaz de vencer as crises permanentes que se têm verificado na instituição. Considero o Museu de Arte Moderna de S. Paulo uma instituição com enormes possibilidades de desenvolvimento.

Não somente com a Bienal, que já é, depois da sua congênera mais velha de Veneza, a maior manifestação de arte que se conhece no plano internacional, mas pelas próprias funções do museu. Hoje, o museu já tem sua tradição, um acervo considerável e razoáveis possibilidades de desenvolvimento. O fato mesmo de ser uma organização eminentemente paulista lhe dá uma segurança para o futuro. Notei em S. Paulo que os paulistas já começam a ter certo amor e orgulho pelas realizações do museu do Ibirapuera.

— De que maneira lhe seria possível exercer essa ação?

— Recluí em aceitar o honroso convite de Cícilo Matarazzo, e só o fiz quando tive a certeza e as garantias de que minha atuação seria apoiada, não só pelo presidente do museu, como por seus colaboradores do Conselho Administrativo e Artístico. Nesses dias de convívio que me foi dado ter com Cícilo Matarazzo, pude verificar seu sincero empenho em ver a obra de sua criação funcionando verdadeiramente como uma instituição, e não mais como uma organização de amadores sob a sua carinhosa proteção paternalista. Quero daqui render a minha homenagem a ele porque soube em tempo conferir-me a autoridade de que necessito para assumir as responsabilidades enormes de dirigir um museu daquelas proporções e a Bienal. Outra surpresa interessante para mim foi compreender que Cícilo Matarazzo não se limita às iniciativas e empreendimentos cotidianos de um museu, mas vê longe, imaginando uma política cultural de grande alcance, tanto no plano paulista como no plano nacional e continental.

— Você já tem um plano de trabalho?

— Minha primeira tarefa será repor em atividade o expediente e as funções paradas desde que o meu caro antecessor, Paulo Mendes de Almeida, deixou a direção do museu. Aproveito para aqui prestar minha homenagem àquele ilustre confrade e espero contar com o apoio de sua experiência e de sua competência, para minha atuação. Depois desse primeiro contato, terei que fazer um exame em profundidade de como funcionam os diversos departamentos do museu, o estado em que se encontra o seu acervo, quais os departamentos a serem alterados e criados etc. Depois dessa sondagem, é uma das obrigações que assumi ao fazer o contrato de trabalho com o museu propor um plano de reforma de estruturas e mesmo estatutárias para que o

museu possa exercer a contento todas as finalidades para que foi criado.

— E quanto às relações do museu com o meio artístico particularmente de S. Paulo?

— Sentir-me-la fracassado, de saída, na minha gestão, se essas relações dos artistas com o museu não se tornassem as melhores ou mais naturais possíveis. Na medida em que, na minha profissão de crítico de arte, minhas relações pessoais com os artistas são, em geral, senão as mais cordiais, certamente as mais espontâneas e as mais francas, nessa mesma medida, como diretor do museu, considero essas relações ainda mais francas e mais cordiais. Considero os artistas, apesar dos seus caprichos temperamentais por vezes, a matéria-prima de um museu de arte. Estarei sempre pronto a ouvi-los e os consultarei regularmente. Não para os atender em tudo o que queiram, certamente, mas com eles discutir e coordenar questões e atividades de seu interesse. Não tenho, nem poderei ter problemas com eles, pois são todos do meu convívio cotidiano.

— Quer dizer que você pretende tornar o museu mais permeável às opiniões do meio. Dentro desse ponto-de-vista, quais serão as relações com os críticos de arte?

— Claro que terão que ser as melhores possíveis. Não se pode dirigir um museu de arte e uma bienal das proporções da de S. Paulo, individualisticamente. Será preciso a cooperação ativa de todos os especializados na matéria, particularmente os meus confrades da crítica de arte. Não é possível, por exemplo, não procurar ouvir conselhos ou ir buscar a colaboração de homens como Sérgio Millet, Lourival Gomes Machado — para falar nos mais velhos de S. Paulo — os meus caros colegas do Rio de Janeiro.

— Já tem você algumas novidades sobre a próxima Bienal de S. Paulo?

— Encontrei os primeiros contatos feitos e uma série de iniciativas já assentadas. Por exemplo, estamos certos já de contar com a bela mostra de bronzes etruscos que o museu de Nápoles assegurou enviar-nos. Da Franca virá, em lugar de uma mostra retrospectiva do Fauvismo, uma de Rouault, além de uma sala especial de Villon. Do Peru, teremos uma coleção de peças em ouro pré-colombianas. Estamos em entendimento para uma grande mostra do maior dos pintores do Século XIX, japonês, cuja estatura se pode medir pela de Cézanne. Trata-se de Tomioka Tessai. Outras iniciativas de grande importância estão sendo projetadas, mas sobre elas ainda não posso falar. Algumas serão de ordem sensacional.